



# Pobreza no Nordeste é grande desafio

Região tem alto índice de famílias abaixo da linha da pobreza, um dos problemas a serem enfrentados pelo novo presidente

SOCIAL Eleito terá de enfrentar quadro de piora na extrema pobreza

# Miséria desafia a população e o novo presidente

ADRIANA GUARDA

BIANCA BION

LUIZA FREITAS

economia@jc.com.br

**D**esempregado, Carlos Alberto da Silva, 61 anos, sustenta a esposa e dois netos com cerca de R\$ 70 que consegue ganhar por mês fazendo bicos. Morador das palafitas da comunidade Roque Santeiro, no bairro recifense dos Coelhos, ele viu a situação da família se agravar quando perdeu o emprego há dois anos. Trabalhava na prefeitura com serviços de esgotamento. Uma ironia para quem, toda vez que a maré sobe, precisa atravessar a água com lixo e dejetos, se quiser entrar ou sair de casa. “Às vezes, à noite, não tem nem um pão para morder. A vida era melhor quando eu tinha trabalho, comia melhor... carne, frango. Agora, só uma vez por ano e olhe lá. Quase toda semana eu vou procurar emprego, mas está mais difícil”, comenta.

O desemprego empurrou Carlos para a situação de extrema pobreza que cresceu no País durante o período de crise, passando de 3,2% do total das famílias em 2014 para 4,8% no ano passado, segundo estudo da Tendências Consultoria Integrada. O material aponta, ainda, que a piora foi mais profunda no Nordeste, região em que todos os Estados estão acima da média brasileira quando o assunto é extrema pobreza. É um País mais pobre que o novo presidente vai encontrar, ao tomar posse em janeiro, com o desafio de ajustar a situação fiscal sem aprofundar as desi-

Estudo da Tendências mostra que a pobreza extrema cresceu em 25 Estados brasileiros. No Nordeste, oito Estados apresentaram piora

no período. Na Bahia, Piauí e Sergipe, a quantidade praticamente dobrou. Em Pernambuco, o número saltou de 5,4% para 7,7%. Apenas a Paraíba reduziu o número de famílias nesta situação, passando de 6,4% para 5,7%. A piora no quadro do Nordeste se explica porque a crise econômica freou o crescimento acima da média nacional e gran-

des investimentos na região.

gualdades so-

O estudo mostra que a pobreza extrema (famílias com renda per capita mensal de até R\$ 85) cresceu em 25 Estados brasileiros. No Nordeste, região mais dependente de programas sociais, oito dos nove Estados apresentaram piora da miséria no período estudado pela Tendências. O Maranhão sofreu mais. A proporção de famílias em extrema pobreza saiu de 8,7% para 12,2%

Não foi só a extrema pobreza que cresceu. Estudo do diretor da FGV Social, Marcelo Neri, aponta que 6,3 milhões engrossaram a estatística da pobreza (pessoas com renda per capita mensal de R\$ 233). Houve um aumento de 33% na pobreza entre 2014 e 2017. “Houve um retrocesso social. Alguns fatores ajudaram para este aumento, o desemprego, a inflação e o problema fiscal. Em 2015 a pobreza aumentou 19,6%, como reflexo da recessão. Depois a inflação foi controlada. No mesmo ano, o Bolsa Família ficou congelado em termos nominais (sem levar em conta a inflação, que estava em 10% na época). Estimativas mostram que o Norte e o Nordeste foram as regiões mais afetadas. Os jovens também”, comenta Neri. A meta da ONU é de reduzir para menos de 3% o número de pessoas vivendo nesta situação em todo o mundo até 2030. Segundo estimativa de Neri, se o Brasil crescer 2,5% todos os anos até lá, só voltará a níveis abaixo dos registrados em 2014 (quando a pobreza atingiu o menor patamar, 8,38%) em 2030.

O economista afirma que o Brasil possui

uma plataforma social estabelecida, com programas como o Cadastro Único e o Bolsa Família. “Em qualquer País que está em crise, como a que o Brasil viveu, as redes de proteção social são muito importantes, não só para a pobreza não subir, mas para manter as rodas da economia girando. O Brasil tem essa rede, então, o que acontece é que, se você não mantém a rede funcionando, a pobreza volta a subir, como aconteceu”, complementa. A cada R\$ 1 que o governo gasta a mais com Bolsa Família, o PIB aumenta R\$ 1,78, de acordo com estimativas da FGV Social.

Outras soluções, a longo prazo, incluem investimentos em educação na primeira infância e inclusão produtiva e financeira. Entre 2014 e 2017, o Bolsa Família o valor médio de pagamento passou de R\$ 27 bilhões para R\$ 29 bilhões por ano. Por causa do ciclo eleitoral, a expectativa é de queda de 2% na pobreza este ano.

Para a professora de economia do Insper, Juliana Inhasz, combater a pobreza é uma forma de romper o ciclo vicioso da recessão, em que a pessoa perde o emprego, a renda e deixa de consumir, piorando a situação econômica do País, sem estímulo à produção. “O governo já deveria ter resolvido há muito tempo a questão fiscal. Em paralelo, tem que pensar em reformas que consigam diminuir as distorções que existem hoje. Por exemplo, será que a reforma previdenciária beneficia o mais pobre?”, questiona.

Ontem, em entrevista à Rádio Jornal Caruaru, Fernando Haddad (PT), candidato à Presidência, usou o Bolsa Família para criticar o adversário de segundo turno, Jair Bolsonaro (PSL). “É um desrespeito chamar de esmola o que sustenta crianças famintas. Não é esmola, isso é direito. Matar a fome é direito constitucional. Garantir que as crianças frequentem a escola é obrigação do Estado. Levar água para as pessoas é um direito. Será que cisterna é esmola? Transposição do São Francisco é esmola? Universidade pública em Caruaru, em Garanhuns, em Petrolina é esmola? Eu não acho. Tudo isso é direito”, diz. “Não vamos desrespeitar a população, como meu adversário faz, querer cortar direito trabalhista, congelar direitos trabalhistas, taxar população”, afirmou. “Bolsa família é importante, mas não é o único programa que

levamos ao Nordeste”, completou.

Também ontem, o presidente nacional do PSL, Gustavo Bebbiano, afirmou que, se Bolsonaro for eleito, o presidenciável do partido vai implementar um 13º salário para os beneficiários do programa Bolsa Família. Bebbiano não detalhou de onde os recursos serão retirados e disse que o pagamento poderá ser feito em duas parcelas. O candidato, recentemente, desautorizou o seu vice, general Hamilton Mourão, que criticou o 13º salário e o abono de férias que classificou como “jabuticabas brasileiras”. Na reta final da campanha, o programa eleitoral na TV tem estratégia de mostrar Bolsonaro como alguém que veio da extrema pobreza. “Vamos mostrar uma pessoa que veio da extrema pobreza, virou oficial das Forças Armadas e que, hoje, tem grandes chances de ser presidente do Brasil”, disse o senador eleito, Flávio Bolsonaro (PSL), filho do presidenciável.

## MUNDO

No mundo, a redução da miséria sofreu uma forte desaceleração entre 2013 e 2015. Nos 25 anos passados entre 1990 e 2015 a taxa mundial caiu de 36% para 10% (uma média de mais de um ponto percentual por ano), mas nos últimos dois anos pesquisados essa queda foi de apenas um ponto percentual.

A metodologia usada considera como extrema pobreza a quantidade de pessoas que vive com menos de US\$ 1,9 por dia. Sobre a diminuição da velocidade com a qual a miséria está caindo, o presidente da instituição, Jim Young Kim, destacou que a superação da pobreza passa necessariamente pelo investimento em capital humano e o crescimento inclusivo. O artigo publicado pela instituição financeira destaca, ainda, que a redução das taxas de miséria encontram mais resistência em países “de baixa renda e nos que são afetados por conflitos políticos”.



“

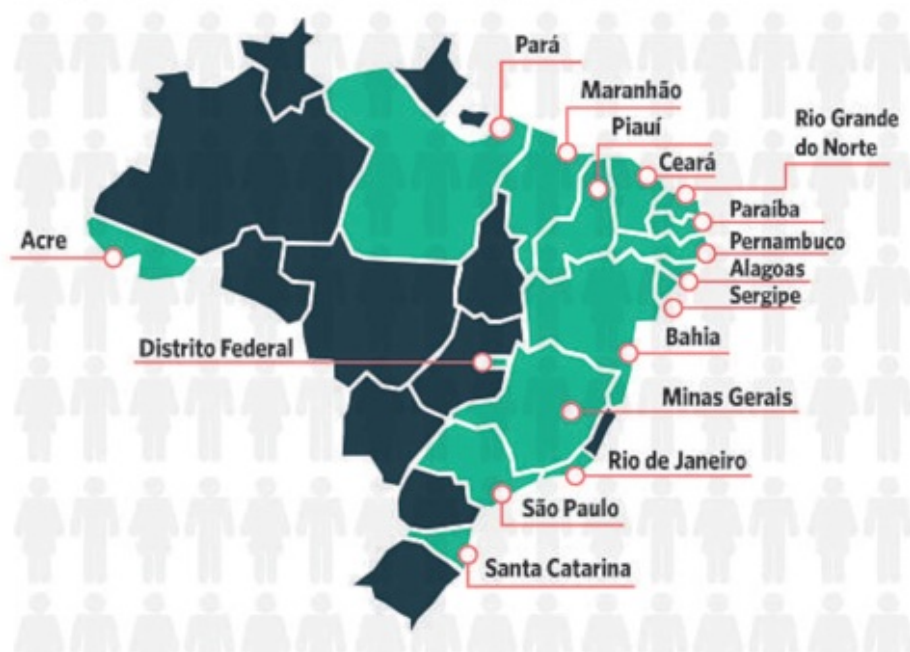
Estou desempregado há dez anos, meu filho também não tem emprego. Hoje, até os bicos estão difíceis. Minha esposa recebe R\$ 85 do Bolsa Família. Aqui, em Roque Santeiro 1, quando a maré sobe, o pessoal que mora nas palafitas não consegue entrar ou sair de casa. O povo quer uma moradia, uma vida que dê para dormir sossegado”, diz Valdomiro Luiz da Silva, um dos “cooperadores” e fundadores da comunidade.

“

Às vezes, à noite, não tem nem um pão para morder. A vida era melhor quando eu tinha trabalho, comia melhor... carne, frango. Agora, só uma vez por ano e olhe lá. Quase toda semana eu vou procurar emprego, mas está mais difícil”, lamenta Carlos Alberto da Silva, desempregado há dois anos. Hoje mora em uma palafita no bairro dos Coelhos e sustenta esposa e dois netos com cerca de R\$ 70 por mês.

## ● Proporção de famílias vivendo abaixo da linha da pobreza (%)

Compare os estados do Nordeste com alguns outros do Brasil



# Oponentes mostram planos inconsistentes

As propostas de Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL) para tirar os brasileiros da pobreza incluem aumento na oferta de empregos, melhorias no Bolsa Família e, também, a realização de reformas estruturais necessárias para o País, como a Reforma Tributária. Porém, especialistas consideram que as medidas anunciadas são vagas.

No plano de governo, Haddad afirma que os pobres vão voltar a ser a “grande prioridade” para o governo. Isso acontecerá através da incorporação das famílias pobres (que hoje não tem acesso) ao Bolsa Família e a ampliação do uso do Cadastro único como fonte de diagnóstico para a

implementação de programas sociais. Outra solução apontada é a criação de mais postos de trabalho através do programa Meu Emprego Novo, que prevê a retomada de 2,8 mil obras paradas no País.

Já Bolsonaro acredita que a adoção de princípios liberais vão reduzir a inflação, os juros e gerar crescimento. Em seu plano de governo, promete garantir, a cada brasileiro, uma renda igual ou superior ao que é atualmente pago pelo Bolsa Família, além da modernização e aprimoramento do programa e do abono salarial, com “vantagens” para os beneficiários.

“O que a gente percebe, a princípio, é que existem duas vertentes: Bolsonaro propõe

resolver problemas estruturais, mas isso depende do crescimento a longo prazo do País. Já Haddad quer criar uma solução a curto prazo, mas não tem uma agenda econômica com reformas muito estruturais, é como se quisesse fazer um curativo”, afirma a professora de economia do Insper, Juliana Inhasz. Ela afirma que será preciso detalhar mais propostas, como a Reforma Tributária, necessária para corrigir distorções que pesam para os mais pobres. Ambos candidatos propõem isentar pessoas que ganham até R\$ 4,770 de pagar Imposto de Renda. “Como eles vão renunciar à renda agora? Vão precisar explicar”, questiona a professora.

	2014	2015	2016	2017	ARTES JC
Santa Catarina	1,4	0,8	1,5	1,8	
Distrito Federal	1,6	1,8	1,8	2,4	
São Paulo	1,9	2,4	2,3	2,7	
Rio de Janeiro	1,4	1,4	3,1	3,2	
Minas Gerais	2,8	2,8	3,4	3,8	
<b>Brasil</b>	3,2	3,6	4,1	4,8	
Paraíba	6,4	6,5	5,4	5,7	
Pará	5,3	4,7	6,2	6,1	
Rio Grande do Norte	5,3	6,2	6,7	7,2	
<b>Pernambuco</b>	5,4	6,3	6,8	7,7	
Ceará	5,6	7,1	7,7	7,8	
Sergipe	4,1	6,0	7,1	8,9	
Alagoas	8,4	7,5	8,6	9,4	
Piauí	5,4	8,1	7,0	9,5	
Bahia	4,8	5,7	7,2	9,8	
Acre	5,3	6,4	7,5	10,9	
Maranhão	8,7	11,1	10,7	12,2	

# Fala de Bolsonaro gera dúvidas no mercado

RIO e SÃO PAULO – A declaração do candidato à Presidência da República pelo PSL nas eleições 2018, Jair Bolsonaro, de que a Petrobras “não pode ter uma política predatória” para os combustíveis ajudou a penalizar as ações da estatal e trouxe dúvidas ao mercado financeiro, que, até então, estava confiante na cartilha liberal do assessor econômico do candidato, Paulo Guedes.

O mercado financeiro reagiu mal aos posicionamentos do presidenciável sobre privatizações e reforma da Previdência, derrubando a Bolsa e levando o dólar de volta ao patamar de R\$ 3,75. No exterior, os mercados também tiveram um dia negativo, com quedas ainda mais acentuadas em Wall Street. A Bolsa brasileira recuou 2,80%, a 83.679 pontos, com destaque para a queda acentuada nos papéis das estatais.

Na terça-feira (9), em entrevista ao canal de televisão Bandeirantes, Bolsonaro disse que a Petrobras não pode se “salvar” e “matar a economia”, em referência à política de paridade internacional praticada pela estatal, na qual acompanha internamente os preços praticados nas principais bolsas de

“A única conclusão possível da fala de Bolsonaro é que ele não é tão liberal quanto se achou”

negociação de commodities. Essa política foi adotada durante o governo de Michel Temer, na gestão de Pedro Parente no comando da petroleira.

“O mercado estava acreditando na mensagem de Paulo Guedes de que haveria a privatização de todas as estatais. Existia a convicção também de que não haveria intervenção na política de preços da Petrobras, que a atual política seria mantida. Até que grau há autonomia de implementação das ideias de Paulo Guedes? Bolsonaro se mostrou liberal, mas nem tanto”, disse Gilberto Braga, professor especialista em Finanças do Ibmec.

Bolsonaro afirmou, em entrevista à TV Bandeirantes terça à noite, ser contrário à privatização de ativos na área de geração de energia elétrica, assim como gostaria de manter estatal o miolo da Petrobras. Segundo o candidato, é possível conversar sobre privatização do setor de distribuição de eletricidade, mas não dos de geração. O deputado afirmou também ontem que não pretende aprovar a reforma da Previdência proposta pelo governo Temer (MDB).

Na manhã de quarta, as ações da Petrobras já iniciaram o pregão em queda – de 2,31% (PN) e 1,78% (ON), também influenciadas pela retração do petróleo no mercado internacional.

O analista do setor de Petróleo da Consultoria Tendências, Walter De Vitto, disse compreender que os investidores tenham castigado as ações da Petrobras após a fala de Bolsonaro. Em sua opinião, a declaração apenas demonstra que, em um possível governo, Bolsonaro não será tão liberal quanto o mercado esperava. “A única conclusão possível da fala de Bolsonaro é que ele não é tão liberal quanto se achou”, disse De Vitto.



FOTOS: DIEGO NIGRO/IC IMAGE